

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Rodrigo Penido Lima

Agroecologia em contraposição ao agronegócio: uma experiência prática no Sítio
do Bicho Solto (Teresópolis/RJ)

Rio de Janeiro

2013

Rodrigo Penido Lima

Agroecologia em contraposição ao agronegócio: uma experiência prática no Sítio do Bicho Solto (Teresópolis/RJ)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientadora: André Burigo

Co-orientador: Thiago da Cruz Alves

Rio de Janeiro

2013

Rodrigo Penido Lima

Agroecologia em contraposição ao agronegócio: uma experiência prática no Sítio do Bicho Solto (Teresópolis/RJ)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: André Burigo

Co-orientador: Thiago da Cruz Alves

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

André Campos Burigo

Gladys Miyashiro Miyashiro

Elisabete Azevedo da Silva

*Esse trabalho é dedicado àquelas pessoas
que estiveram presentes na realização do
próprio.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu orientador André Burigo que foi essencial para a conclusão desse trabalho e meu co-orientador Thiago da Cruz que passou junto comigo uma semana no Sítio do Bicho Solto.

Além deles, agradeço à Gladys, Ieda e Elisabete por todo o auxílio que recebi nas últimas semanas de conclusão desse estudo.

Agradeço aos meus amigos que estiveram presentes e me ajudaram com dicas e conselhos importantes nesse ano em que esse TCC foi realizado.

“A ciência, portanto, é uma perversão de si mesma, a menos que tenha como fim último, melhorar a humanidade”

(Nikola Tesla)

RESUMO

O agronegócio é o sistema agrícola hegemônico no Brasil e a agroecologia é um sistema alternativo e ecológico. O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Uma forma de agricultura que dispensa o uso desses produtos que são danosos à saúde das pessoas e do ambiente, a agroecologia, começa a ter um reconhecimento cada vez maior. Este estudo tem como objetivo analisar o modo de produção agrícola do Sítio Bicho Solto, comparando-o com dois sistemas agrícolas diferenciados: agronegócio e agroecologia. Foi realizada uma vivência na unidade de produção agroecológica do Sítio do Bicho Solto, em Teresópolis/RJ, com o fim de apresentar como funciona o processo de trabalho no período de uma semana e expor a relação teoria/prática. Com base nisso, concluiu-se que uma forma de trabalho e vida harmoniosos com a natureza, presentes na agroecologia, apresenta desafios porém é possível e não tão distante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Dados de pessoas subnutridas no mundo de 1969-71 até 2009.....	6
Figura 2	Número de pessoas subnutridas no mundo de 1990-92 até 2007.....	7
Figura 3	Índice dos preços dos alimentos.....	7
Figura 4	Abrangência do conhecimento agroecológico.....	11
Figura 5	Música na feira agroecológica.....	14
Figura 6	Troca de sementes.....	15
Figura 7	Municípios do Estado do Rio de Janeiro com Teresópolis destacado..	18
Figura 8	Teresópolis e municípios vizinhos.....	18
Figura 9	Preparo do café da manhã (André à esquerda de boné; Thiago à direita de suéter; e Manuel à frente mexendo no fogão a lenha da cozinha), no sítio do Bicho Solto, Teresópolis.	19
Figura 10	Horta da direita.....	21
Figura 11	Corta da lenha 1.....	22
Figura 12	Corta da lenha 2.....	22
Figura 13	Parte alta do sítio.....	23
Figura 14	Colheita de café.....	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.2	JUSTIFICATIVA.....	2
1.2	OBJETIVOS.....	3
1.3	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	3
2	AGRONEGÓCIO.....	4
2.1	O que é o agronegócio?.....	4
2.2	A questão da segurança e soberania alimentar e o agronegócio.....	6
3	A Agroecologia.....	8
3.1	O que é a agroecologia?.....	8
3.2	Diferenciação entre agroecologia e outros sistemas ecológicos.....	12
4	A vivência no Sítio do Bicho Solto.....	14
4.1	A feira agroecológica e a chegada ao sítio.....	14
4.2	O sítio do Bicho Solto.....	17
4.3	O trabalho no sítio.....	19
4.4	Impressões sobre a vivência.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	30
	ANEXO 1.....	32
	ANEXO 2.....	33
	ANEXO 3.....	33
	ANEXO 4.....	34

1 - INTRODUÇÃO

O agronegócio é o sistema de produção agrícola hegemônico hoje no Brasil, e a revolução verde foi o principal processo que possibilitou o estabelecimento desse sistema, com a promessa de maior produtividade de alimentos e assim solucionar o que era dito como um problema de falta de produção: a fome mundial (PEREIRA, 2012).

A nova agricultura padronizada e monocultora virou padrão e foi possibilitada devido a um pacote de tecnologias: os adubos químicos, agrotóxicos, semente modificadas geneticamente e máquinas agrícolas (PEREIRA, 2012).

Contraditoriamente, como resultado de todo esse processo, a fome mundial não acabou como prometido, suas taxas aumentaram como nunca antes apesar da maior produção de grãos. (FAO, 2009).

Há outras consequências negativas, além do aumento da fome pela dificuldade de acesso: os “alimentos” gerados pelo agronegócio podem ser contaminados com resíduos de agrotóxicos e consumo de alimentos contaminados podem gerar problemas de saúde em quem consome esses alimentos, dentre esses: infertilidade masculina, câncer e doenças renais (RIGOTTO; ROSA, 2012).

O uso de agrotóxicos representa um perigo à saúde das pessoas. O Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos, cada brasileiro consome em média 5,2kg de agrotóxicos por ano. Esses dados são preocupantes devido à toxicidade desses produtos químicos. Aliado a isso há um desequilíbrio ambiental, pois não só os humanos são afetados por esses venenos, a contaminação se expande além do ambiente de cultivo. Essa poluição é estendida para o meio hídrico, aéreo e terrestre, contaminando outras espécies animais e vegetais, além da humana (JÚNIA, 2012).

Coloca-se em questão a eficiência da produção de alimentos, atualmente, tendo em vista os conceitos de segurança e soberania alimentar. Segundo a lei 11.346, de 15 de setembro de 2006, a alimentação deve ocorrer de forma igualitária, sendo nutricionalmente balanceada e saudável. Aliado a isso, a sustentabilidade e a autonomia de produção local devem ser efetivas, a soberania alimentar deve existir para que haja uma produção sustentável e socialmente adequada (Lei nº 11.346 de 15 set. 2006).

A agroecologia se mostra como caminho alternativo da produção de alimentos com o cumprimento das noções de soberania e segurança alimentar. Ela rompe com a dependência do pacote tecnológico e químico fundamental do agronegócio, resgatando os princípios de uma agricultura camponesa tradicional em contraposição à agricultura convencional (GUBUR; TONÁ, 2012).

Os benefícios desse sistema são imensos. Dentre eles, há uma minimização dos danos ambientais provocados por uma produção em larga escala, com a substituição dos latifúndios monocultores por propriedades com extensões menores de terra e com uma maior diversidade de espécies vegetais. Há uma maior justiça social, com o rompimento da relação de exploração do trabalho pelo chefe com a base familiar de produção e a baixa hierarquização nos meios de trabalho.

Para proporcionar um aprendizado prático do funcionamento da agroecologia e uma experiência diferenciada daquela que a leitura proporciona, foi desenvolvida durante o mês de Julho uma visita em um ambiente de produção agroecológica: o Sítio do Bicho Solto onde foram observados os desafios e a rotina do ambiente.

1.1 - JUSTIFICATIVA

Devido aos estudos na área da vigilância em saúde e as informações relacionadas aos impactos causados pela agricultura convencional, nota-se a relevância de um estudo disposto a mostrar o funcionamento do sistema agroecológico.

Questiona-se a sustentabilidade do modelo do agronegócio e se há o cumprimento de medidas internacionais, como a segurança alimentar. Por ser uma forma expressiva de produção agrícola, é preocupante o uso constante de substâncias classificadas como cancerígenas e tóxicas para os seres humanos e para o ambiente.

A agroecologia surge como uma alternativa que substitui esse sistema, eliminando agrotóxicos, exploração do trabalho e outros pontos negativos do agronegócio.

Com isso, aliado à análise do sistema do agronegócio, da soberania alimentar e da agroecologia, dedicarei o último capítulo a mostrar a vivência no Sítio do Bicho Solto em Teresópolis realizada pelo autor do trabalho Rodrigo Penido Lima e o co-orientador do trabalho Thiago da Cruz Alves.

O conteúdo teórico dos dois primeiros capítulos será discutido no terceiro capítulo, fazendo uma reflexão com o aprendizado prático conquistado no sítio. Isso permitirá uma manifestação da opinião do autor em relação às práticas realizadas no período de uma semana da visita.

1.2 - OBJETIVOS

1.2.1 - Objetivo geral

Analisar o modo de produção agrícola do Sítio Bicho Solto, comparando-o com dois sistemas agrícolas diferenciados: agronegócio e agroecologia.

1.2.2 - Objetivos específicos

- Compreender e sistematizar as principais características e impactos do modelo do agronegócio;
- Compreender e sistematizar as principais características, impactos e desafios do modelo da agroecologia, estabelecendo uma comparação direta ao modelo do agronegócio;
- Sistematizar a vivência no Sítio do Bicho Solto, estabelecendo uma relação direta com o conteúdo teórico da agroecologia e agronegócio.

1.3 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Esse estudo será realizado através de revisões bibliográficas de textos com temas relevantes para a compreensão do objeto da pesquisa, como agroecologia, agronegócio, soberania e segurança alimentar, bem como um levantamento sobre a os impactos do modo de produção agrícola hegemônico. A publicação Dicionário da Educação do Campo será a principal obra em estudo.

Esse dicionário é uma obra coletiva que sintetiza através de verbetes “na perspectiva dos movimentos sociais camponeses e de suas lutas, os fundamentos filosóficos e pedagógicos da Educação do Campo (CALDART et al, 2012)

Usarei os conhecimentos práticos adquiridos no Sítio do Bicho Solto, em Teresópolis. Segundo Manuel, o dono da propriedade, o sítio recebe muitos visitantes, portanto uma das principais funções do Sítio do Bicho Solto é o ensino prático do funcionamento de um sistema de produção agroecológico.

A vivência ao todo durou uma semana, feita pelo orientando Rodrigo Penido Lima e o co-orientador Thiago da Cruz Alves. Ambos aproximaram-se o máximo possível da rotina vivida pelos moradores do sítio, realizando as atividades solicitadas que incluíam na maior parte: irrigar, capinar, retirar lenha para colocar no fogão, plantio de sementes, colheita, limpeza das verduras colhidas e preparação de mudas.

O sábado foi o último dia, terminando com a feira agroecológica de Teresópolis onde foi feita a venda dos alimentos que ficaram prontos para serem comercializados naquela semana. A feira se apresenta como um grande encontro de produtores agroecológicos, possibilitando reuniões e trocas de informações e produtos entre eles.

Esse estudo usará nomes fictícios para preservar o sigilo da identidade das pessoas que se encontraram no Sítio do Bicho Solto durante a vivência.

Para esta vivência foi elaborado, junto ao orientador e co-orientador, um roteiro de observação, em anexo, que serviu de guia para as observações do projeto.

2 - AGRONEGÓCIO

2.1 - O que é o agronegócio?

O termo agronegócio é uma nomenclatura geral definida para nomear o processo agropecuário que devido a uma revolução no sistema de produção e distribuição tornou possível modelar esse setor para que o lucro fosse máximo, uma forma de atender os interesses do produtor e deixando aparecer um lado industrial mais evidente (PEREIRA, 2012).

Esse sistema se tornou possível devido a várias novas tecnologias que vinham sendo empregadas no campo a partir do século XVIII. Essas inovações tem destaque na Inglaterra, o país que na época vinha se tornando uma grande potência industrial, e onde também ocorreram as maiores inovações tecnológicas nos setores industriais com máquinas que multiplicavam a velocidade e diminuíaam a quantidade necessária de trabalhadores para o trabalho. Nesse mesmo período, a industrialização também chegou ao campo. A maior presença de máquinas, ferramentas e técnicas de produção em larga escala com destaque ao arado de aço e adubos, permitiu então um aumento da produtividade agrícola (TERRA; COELHO, 2005).

No século XX outra revolução no campo foi noticiada: a Revolução Verde. Processo que ocorreu após a segunda guerra mundial e se diferencia da primeira revolução ocorrida no século XVIII devido ao uso de “tecnologias de controle da natureza de base científico-industrial”, para gerar uma maior produtividade de alimentos e assim solucionar a fome mundial que era tida como um problema de falta de produção (PEREIRA, 2012).

A Revolução Verde se caracterizou por mudanças que reorganizaram o espaço e as interações sociais do campo. Houve a substituição da adubação orgânica com o uso de adubos químicos; o aprimoramento das espécies com base na seleção das espécies

vegetais consideradas melhores, simplificando e homogeneizando as espécies vegetais com o objetivo de gerar variedades de alto rendimento; a substituição da força de cavalos e bois pelo uso do motor de combustão para uma maior velocidade nos processos em que as máquinas eram utilizadas.

O camponês que antes fazia seu cultivo de forma tradicional foi obrigado a utilizar as novas tecnologias para aumentar sua produção e se manter competitivo, o que gerou uma grande desigualdade no campo. O camponês se viu mais dependente dos recursos tecnológicos e, portanto das empresas comercializadoras dos produtos que formam parte do pacote da Revolução Verde (PEREIRA, 2012).

Em 1950, surgiu o termo agribusiness para representar “as relações econômicas entre o setor agropecuário e aqueles situados na esfera industrial, comercial e de serviços” e a partir de 2000, a palavra agronegócio acabou substituindo o termo “agribusiness” no Brasil. A Revolução Verde criou meios para que essa nova relação econômica no meio agropecuário fosse possível. Houve uma modernização e industrialização ainda maior no campo, de forma que esse sistema foi referido pelo termo agroindústria antes mesmo da popularização do uso do termo “agronegócio” (ALENTEJANO, 2012).

O agronegócio se caracteriza pelo uso extenso de área de terras em plantações monocultoras (latifúndio) e uma alta tecnologia empregada em todas as fases do cultivo. “O que se tem agora é uma agricultura padronizada que se impõe a diversidade ambiental, artificializando os ambientes e adequando-os ao padrão mecânico-químico da agricultura moderna”. Os agrotóxicos e adubos químicos são utilizados em larga escala juntamente com semente modificadas geneticamente, os transgênicos (ALENTEJANO, 2012).

Todo esse processo gerou inúmeras consequências negativas, não só para a população humana mas também para a biodiversidade animal e vegetal e o meio ambiental como um todo. Com o processo de uniformização da produção, as espécies vegetais de baixa produção foram substituídas por espécies mais produtivas (com variação muito pequena de espécies) e as transgênicas. Além disso, espécies vegetais com uma maior produtividade vindas de outras regiões foram cultivadas em ambientes incompatíveis com suas formas naturais de crescimento, fortalecendo a dependência aos insumos agrícolas (PEREIRA, 2012).

Os agrotóxicos foram responsáveis por grande parte dos problemas ambientais gerados pelo agronegócio. Nos campos de monocultura, onde agrotóxicos são utilizados,

é difícil haver alguma outra forma de vida além do que é plantado pelos produtores naquela terra. Espécies vegetais consideradas daninhas e animais consideradas pragas são eliminados. Poluição é gerada, lagoas, rios, mares e lençóis freáticos podem ser afetados.

Os alimentos gerados pelo agronegócio podem ser contaminados com resíduos de agrotóxico e o seu consumo pode gerar problemas de saúde em quem come esses alimentos. Por outro lado, os trabalhadores que lidam com os agrotóxicos são o grupo de maior risco, eles consomem o alimento que pode chegar contaminado e também tem contato direto com esses venenos agrícolas quando trabalham (RIGOTTO; ROSA, 2012).

Os próprios trabalhadores do campo se tornaram submissos ao agronegócio, com esse novo pacote tecnológico exigido para o início da colheita, os meios de produção se tornaram mais inacessíveis, juntamente com a procura de sementes que se adaptariam naturalmente a terra. Houve uma dependência ainda maior dos trabalhadores, tornando-os subordinados ao trabalho mal remunerado e de más condições que eles eram submetidos.

2.2. A questão da segurança e soberania alimentar e o agronegócio

Como resultado de todo esse processo, a fome mundial não acabou, porém, suas taxas aumentaram como nunca, apesar da maior produção de alimentos. Só em 2007, o número de pessoas com fome aumentou em 75 milhões com um total de 923 milhões e a tendência é que aumente ainda mais, devido aos crescentes preços dos alimentos básicos (FAO, 2008).

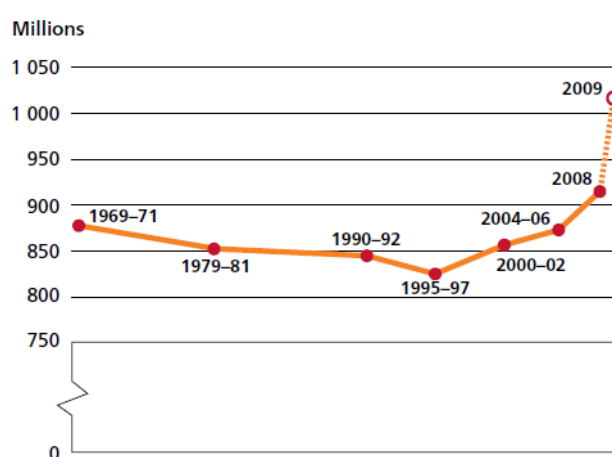


Figura 1: Dados de pessoas subnutridas no mundo de 1969-71 até 2009

Fonte: FAO (2009, p.11)

O grande problema da fome se revelou oriundo da distribuição, do acesso das pessoas em decorrência de suas rendas e dos crescentes preços dos alimentos. O agronegócio nos países subdesenvolvidos (onde o problema da fome tem mais relevância do que no resto do mundo) não acabou com as dificuldades do acesso ao alimento. Sua produção é em grande parte escoada para fora e os lucros são concentrados aos proprietários e a população pobre, em geral, é a mais afetada pela fome (FAO, 2008).

As empresas multinacionais e os países ricos se mostraram os grandes beneficiados pela Revolução Verde. A dependência dos produtores com os produtos agrícolas aumentou em grande taxa os lucros dessas empresas; os grandes investidores passaram a manter um monopólio na produção (FAO, 2008).

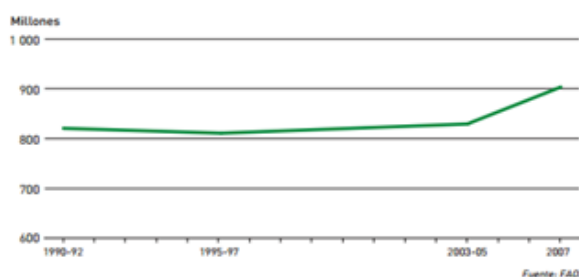


Figura 2: Número de pessoas subnutridas no mundo de 1990-92 até 2007

Fonte: FAO, 2009

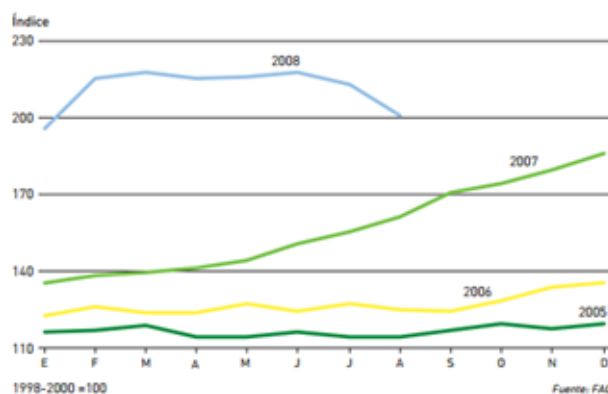


Figura 3: Índice dos preços dos alimentos

Fonte: FAO, 2009

Com os dados da FAO é possível questionar a real eficiência do modelo do agronegócio em função de cumprir os conceitos de soberania e segurança alimentar que são dois conceitos distintos, sendo a noção de soberania alimentar mais ampla porque apresenta uma noção de que o povo deva ter condições de produzir seu próprio alimento (STEDILE, 2012).

Atualmente no Brasil, a grande responsável pela produção de alimentos básicos é a agricultura familiar, ela também participa em 84,4% dos estabelecimentos agrícolas e ocupa 74,4% dos trabalhadores rurais, com aproximadamente 12,3 milhões de trabalhadores, apesar disso ocupa apenas 24,3% da área de produção (Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 2006).

Esses conceitos de segurança e soberania alimentar baseiam-se no direito fundamental do ser humano à alimentação de forma igualitária, nutricionalmente

balanceada e saudável, levando em conta as dimensões ambientais, culturais, econômicas, regionais e sociais (BRASIL, 2006a).

No Brasil, a questão da segurança alimentar é definida pela lei 11.346 de 15 de setembro de 2006 (em anexo) que define esse conceito e afirma o direito à alimentação e soberania alimentar, o que torna um dever do Estado brasileiro “respeitar, proteger, promover, prover, informar, monitorar, fiscalizar e avaliar a realização do direito humano à alimentação adequada, bem como garantir os mecanismos para sua exigibilidade” (BRASIL, 2006a).

Essa lei define que é necessário haver condições para a continuação desses requisitos em longo prazo, as políticas públicas devem ser sustentáveis e visar o futuro da população. Para que isso aconteça, o Estado aliado à população deve fornecer recursos para que o povo seja autossuficiente e auto gestor na produção de alimentos saudáveis, “nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica”(STEDILE; CARVALHO, 2012) (CONSEA, 2006).

O conceito de soberania alimentar foi introduzido pela Via Campesina, para inicialmente ser uma progressão do conceito de segurança alimentar. A autonomia de produção de alimentos de um povo ao mesmo nível de relevância do direito à alimentação é uma visão distante do conceito de segurança alimentar mercantilizado por alianças internacionais. O mercado internacional de alimentos não é colocado como fonte principal de aquisição dos alimentos, incentivando o consumo e a produção local. Isso torna os alimentos culturalmente adequados, estimula uma agricultura familiar, protege os mercados locais de alimento e torna a distribuição mais fácil (STEDILE; CARVALHO, 2012).

3- A Agroecologia

3.1 – O que é a agroecologia?

Um sistema em que há uma monocultura de larga escala e o uso de adubação artificial para adicionar ao solo os nutrientes necessários para o plantio monocultor, somado ao uso de agrotóxicos para eliminar as espécies vegetais de crescimento espontâneo e o uso de combustíveis fósseis fazem com que esse sistema não seja sustentável. Há um foco na maximização da produção e do lucro fazendo com que os cuidados com a preservação da natureza não sejam colocados em questão. Em consequência disso, o agronegócio acaba com a biodiversidade local, altera o ciclo das águas, gera desequilíbrio ecológico e, em um prazo mais longo, a desertificação de

paisagens e o esgotamento de nutrientes do solo. Esta situação força o produtor a migrar de região devido ao aumento de custo da produção ou até mesmo da impossibilidade de se produzir devido aos tamanhos danos ao meio ambiente. Vistos os problemas gerados pela agricultura moderna e pelo agronegócio, a agroecologia surge como uma nova forma de gerar uma produção sustentável e que alimente diante das necessidades humanas (MONTEIRO, 2012)

A agroecologia pode ser interpretada por forças sociais como uma corrente oposta ao sistema do agronegócio e uma possível solução para as críticas que são feitas à forma de funcionamento desse sistema, como o uso de sementes transgênicas, monocultura e o uso de agrotóxicos (LEITE; PEREIRA, 2012). Essa oposição se dá de forma que as técnicas da agroecologia se baseiam em saberes tradicionais que são ecologicamente viáveis e que com o tempo foram sendo substituídos por formas de agriculturas mais modernas (GUBUR; TOMÁ, 2012).

A agroecologia se encaixa no conceito de agricultura alternativa e sustentável, portanto:

Contrapõe-se concretamente à degradação dos solos pela erosão, à desertificação, ao desflorestamento, à contaminação da água, do alimento e do agricultor, à redução da biodiversidade geral e funcional, à insegurança alimentar e aos impactos globais gerados pela agricultura de mono cultivo. Faz igualmente a crítica das consequências sociais da aplicação desse modelo, como a concentração de renda, a crise de empregos, a pobreza, a migração e a exclusão social (GONÇALVES, 2009, pag: 77).

A agroecologia é uma ideia recente, esse termo surgiu em 1930 "como sinônimo de ecologia aplicada à agricultura", porém a interpretação atual do termo representa:

o manejo ecológico dos recursos naturais mediante formas de ação social coletiva que apresentem alternativas à atual crise civilizatória. E isso por meio de propostas participativas, desde os âmbitos da produção e da circulação alternativa de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e consumo que contribuam para fazer frente à atual deterioração ecológica e social gerada pelo neoliberalismo (GUBUR; TOMÁ, 2012, pag: 63).

Diante disso, suas técnicas são modificadas para adaptar-se à realidade local, tanto no que diz respeito à realidade de plantio e cultivo como na realidade social. Isso se destaca das formas hegemônicas que a agricultura atual se pauta, há outra lógica envolvida que tem olhos para uma relação de respeito com a cultura e as tradições, gerando uma maior harmonia entre as formas de agroecologia às populações locais (GUBUR; TOMÁ, 2012).

É proposta uma total mudança ao trabalhador camponês do agronegócio em que sua função é apenas realizar um trabalho fisicamente desgastante (com a forma parecida de um sistema fordista de produção em massa) em que este é alienado de suas condições sociais e do processo de planejamento. Fazendo-o em detrimento de técnicas de produção; o camponês na agroecologia participa ativamente no desenvolvimento, aprimoramento e pesquisa de técnicas que se adequam a sua realidade local, portanto, está ativamente presente em todo o processo que envolve sua produção agrícola. É um trabalhador que compreende a realidade ecológica local e faz ações que são sustentáveis e socialmente progressivas, o que seria impossível de desenvolver através de técnicas feitas por sujeitos alheios ao ecossistema local e das relações sociais e culturais locais (GUBUR; TOMÁ, 2012).

A agroecologia se encaixa nas bases da agricultura familiar, ou seja, “em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas” (NEVES, 2012, p.77). Pela lei 11.326, de 24 de julho de 2006, para ser considerada agricultura familiar, deve se encaixar nos seguintes fatores:

- a área do estabelecimento ou empreendimento rural não excede quatro módulos fiscais¹;
- a mão de obra utilizada nas atividades econômicas desenvolvidas é predominante da própria família;
- a renda familiar predominantemente originada das atividades vinculadas ao próprio estabelecimento;
- e o estabelecimento ou empreendimento é dirigido pela família.

Apesar da agroecologia considerar saberes tradicionais, ela não descarta a tecnologia atual, porém faz uma seleção com o objetivo de manter a soberania aos

¹ Módulo fiscal é uma medida em hectares definida para cada município de acordo com a INSTRUÇÃO ESPECIAL/INCRA/Nº 20, DE 28 DE MAIO DE 1980. Ela pode variar, por exemplo, de 100 hectares para o município de Sena Madureira no Acre, para 5 hectares no município do Rio de Janeiro

camponeses e não sistematizar aos moldes da Revolução Verde. Portanto, há uma integração das tecnologias sustentáveis atuais desde que não fira a ética e esteja de acordo com a cultura local (GUBUR; TOMÁ, 2012).

A agroecologia, portanto, abrange um estudo em ramo multidisciplinar que considera áreas econômicas, sociais, ambientais, culturais, políticas e éticas da sustentabilidade para gerar um campo científico que visa às noções de segurança e soberania alimentar (como explicadas no capítulo 1), e foca em três objetivos principais como ilustrados no gráfico abaixo: econômicos, sociais e ambientais e mais especificamente o uso de recursos locais, equidade e viabilidade econômica, produção estável, biodiversidade, função ecossistêmica, estabilidade produtiva, tecnologia de baixo insumo, desenvolvimento rural integrado, satisfação das necessidades locais e autossuficiência alimentar (GONÇALVES, 2009).

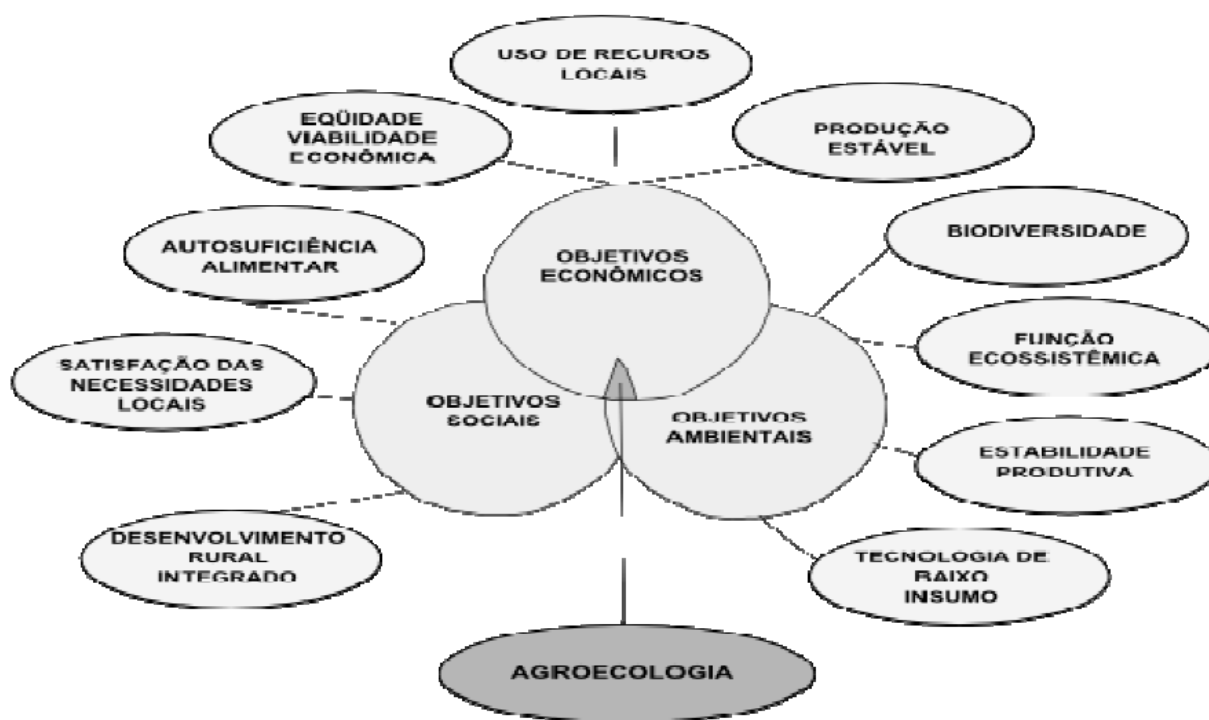


Figura 4: Abrangência do conhecimento agroecológico

Fonte: GONÇALVES (2009, p. 84).

O conhecimento agroecológico sai apenas do ramo das técnicas de produção agrícola, seu foco é também na construção de políticas sociais eficientes. Através da captação de saberes dos agricultores, contribui com a produção e aprimoramento de conhecimentos tanto de produção quanto de estratégias sociais para gerar uma maior

capacidade do manejo de agroecossistemas sustentáveis e o desenvolvimento rural sustentável (GONÇALVES, 2009).

Os produtores agroecológicos frequentemente se organizam em grupos para tentar vencer a dominação do grande capital. Com isso, os agricultores são capazes de compartilhar experiências agroecológicas, trocarem produtos entre si, divisão de custos de empresas de certificação de produção orgânica e outros atos que configuram uma rede de ajuda mútua. Movimentos sociais, como o MST no Brasil são grandes aliados desses grupos, sendo responsáveis por uma disseminação a nível global de uma consciência em prol da superação da agricultura hegemônica (GONÇALVES, 2009).

A Associação Agroecológica de Teresópolis é um exemplo, em que o Manuel (dono do Sítio do Bicho Solto) e outros agricultores do município participam para além das relações entre os próprios agricultores, comercializam seus produtos na feira onde são realizados os encontros (no terceiro capítulo, a vivência no sítio, juntamente com a questão da feira e da Associação Agroecológica de Teresópolis será mais aprofundada) da Associação.

3.2 – Diferenciação entre agroecologia e outros sistemas ecológicos

Existem sistemas agrícolas que não fazem uso de agrotóxicos ou fertilizantes artificiais que não se encaixam na proposta da agroecologia e, portanto não devem ser confundidos. Dentre eles, estão aqueles que visam mercados consumidores que procuram alimentos sem a contaminação por agrotóxicos e apenas fazem o uso de uma técnica mais ecológica no plantio.

Isso não significa que esses processos se encaixam nas definições da agroecologia, fatores como a relação de proprietário e contratado, mecanização e falta de autonomia podem diferenciar a produção de uma agricultura alternativa da agroecológica.

A agroecologia, devido a seus princípios ecológicos na produção de alimentos, se encaixa no conceito de agricultura orgânica. Apesar das similaridades, a agricultura orgânica não necessariamente se encaixa na definição plural da agroecologia, que enxerga as relações econômicas e sociais presentes no campo (GONÇALVES, 2009). Essa forma de agricultura se caracteriza pelo “manejo sustentável da unidade de produção com enfoque sistêmico que privilegia a preservação ambiental, a agrobiodiversidade, os ciclos biogeoquímicos e a qualidade de vida”. Há uma integração de certos princípios agroecológicos como o respeito à natureza, diversificação de culturas, a consciência de que o solo é um organismo vivo e a da independência dos recursos industriais como os

combustíveis fósseis e outros recursos não sustentáveis (EMBRAPA, 2006, p. 24 apud GONÇALVES, 2009).

Devido à visão contra exclusão da agroecologia e de seu papel contra hegemônico de produção agrícola, uma agricultura orgânica voltada para o mercado não se encaixa nos seus parâmetros, podendo apenas ter um público alvo diferenciado dos consumidores comuns, um público de nível econômico mais forte e que possa arcar com os preços elevados de um alimento orgânico (GONÇALVES, 2009).

Esses sistemas “ecologizados” podem ser resultantes, por outro lado, de um capitalista pobre que não possui recursos e meios financeiros de bancar com o pacote tecnológico da Revolução Verde e nem de adquirir uma grande propriedade e pode apresentar características semelhantes ao modelo agroecológico, dentre elas: multidiversidade de culturas, baixa utilização de aparatos tecnológicos do pacote da Revolução Verde (máquinas movidas a motor de combustão, agrotóxicos, fertilizantes químicos) e uma maior utilização dos recursos naturais disponíveis. Porém, o objetivo desse tipo de produção é somente gerar renda e seus produtos são direcionados para o mercado (GONÇALVES, 2009).

Segundo (EMBRAPA, 2006, p. 24 apud GONÇALVES, 2009):

Observa-se, porém, que as Agriculturas Ecológicas nem sempre aplicam plenamente os princípios da Agroecologia, já que parte delas está orientada quase que exclusivamente aos nichos de mercado, relegando a um segundo plano as dimensões ecológicas e sociais. Isso fica claro quando analisamos o desenvolvimento das Agriculturas Ecológicas “de mercado”, onde se observam: simplificação dos manejos, baixa diversificação dos elementos dos sistemas produtivos, baixa integração entre tais elementos, especialização da produção sobre poucos produtos, simples substituição de insumos químicos e biológicos e exígua preocupação com a inclusão social e criação de alternativas de renda para os agricultores mais pobres.

A agroecologia se baseia no princípio da agricultura familiar que no Brasil se apresenta de muitas formas devido à diversidade do acesso a fatores que incluem a disponibilidade de recursos naturais, capital humano e social. Por isso, além do capitalista pobre e da agroecologia, a agricultura familiar pode estar presente numa produção do agronegócio, em que os produtores tem um pouco mais poder aquisitivo (BUIANIN, 2005).

4. A vivência no Sítio do Bicho Solto

4.1. A feira agroecológica e a chegada ao sítio

A vivência começou num sábado pela manhã do mês de julho de 2012 na Feira Agroecológica de Teresópolis que fica perto da rodoviária dessa cidade e atrás do mercado popular em um espaço cedido pela prefeitura.

Aconteceram diversas atividades no local. Em uma parte há a comercialização dos produtos orgânicos dos agricultores da Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT), música de raiz tocada em cantada, oficina de alimentação viva em que os convidados podem preparar o alimento que vão comer e aprender a técnica de “cruzinhar”² e o que é a alimentação viva³.

Tanto o espaço quanto as atividades culturais são organizados pelos próprios agricultores. Na feira, quem quer comprar os produtos orgânicos tem contato direto com o produtor, quem produz é quem vende na feira. Com isso, há a certeza da procedência daquele alimento e um diálogo mais aberto que promove uma melhor integração entre consumidores e produtores, já que não há intermediários no processo de comercialização. Além dos produtos mais básicos, como batata e feijão, também são vendidos outros produtos como cachaça, doces, geleias, tortas, bolos e biscoitos.



Figura 5: Música na feira agroecológica
Fonte: Blog da feira agroecológica de Teresópolis

A venda de produtos é feita para clientes de fora da associação, assim como é realizada a venda e troca com os próprios produtores. Segundo o Manuel (dono do sítio

² Forma coloquial de representar a preparação de alimentos sem o uso de fogo.

³ Uso de alimentos que não foram expostos ao fogo ou calor intenso. Há uma técnica de germinação, as sementes são deixadas por um tempo na água para que germinem parcialmente.

do Bicho Solto), o objetivo do Sítio nunca foi ser autossuficiente na questão alimentícia, ele considera a feira como um meio necessário para conseguir o que não é produzido por ele lá. Os demais participantes da feira também são dependentes um dos outros, há uma grande troca, não só de comida, mas também de sementes e mudas.



Figura 6: Troca de sementes

Fonte: Blog da feira agroecológica⁴

Eles fazem um sistema de “empréstimo generoso”, quem pega as sementes tem que devolver uma quantidade maior depois do cultivo. Tudo isso tem o objetivo de enriquecer a variedade vegetal de cada propriedade.

No sábado em que estava presente, houve uma reunião entre os associados sobre a organização e utilização de um fundo de um banco investidor da agroecologia e sobre a certificação coletiva de alimentos orgânicos.

Na reunião também foi discutida os detalhes da minha visita/vivência a um sítio agroecológico. Até esse momento o objetivo era descobrir quem dos agricultores da associação estava disposto e tinha condições para me abrigar no intervalo de uma semana, me proporcionando uma experiência similar ao dia-a-dia de algum deles.

Quem se manifestou foi o Manuel, dono do Sítio do Bicho Solto que é localizado em Córrego Sujo, Teresópolis. Lá havia um espaço preparado para visitantes, o local já

⁴ Fonte: <http://feiraagroecologicateresopolis.blogspot.com.br/>

recebeu inúmeras pessoas e uma das suas principais funções era possibilitar um aprendizado prático das técnicas agroecológicas realizadas no Sítio. Após a conversa com os membros da associação, foi decidido que este era o melhor local para realizar o que era proposto.

O marco final da feira daquele dia foi o término da reunião com a decisão tomada em relação a minha vivência. Apesar do sol forte, a temperatura ainda era baixa, indicando que o período de uma semana, no inverno, que eu passaria lá, sem dúvidas iria apresentar temperaturas tão frias quanto daquele dia.

Após a volta ao Rio de Janeiro, foi elaborado um questionário (ver anexo) em conjunto com meu orientador e co-orientador. A maior finalidade era auxiliar a coleta de informações essenciais para a realização do projeto e da monografia.

Esse questionário foi usado para que durante as conversas com os moradores do sítio, as perguntas nele presentes fossem feitas de forma natural. Era resumidamente uma base de auxílio.

Domingo a noite foi o dia marcado para a chegada no Sítio, para que segunda-feira, o primeiro dia de trabalho regular⁵ pudesse ser aproveitado desde o início da semana, dessa forma foi possível observar a rotina semanal que terminava no sábado, dia da feira.

Para chegar no sítio Bicho Solto, foi preciso me locomover com dois ônibus: um da rodoviária do Rio de Janeiro até a de Teresópolis e outro da Rodoviária de Teresópolis até uma rua de terra batida que leva ao sítio.

A viagem foi muito longa, começou de manhã cedo e terminou quando já era noite. O local de desembarque (que foi encontrado devido a uma igreja e uma ponte de madeira) do segundo ônibus, era um ambiente rural e totalmente desprovido de iluminação, a não ser pela iluminação dos faróis dos veículos que passavam na estrada ao lado. O caminho a pé de aproximadamente 500 metros se tornou um grande desafio pela escuridão, uma lanterna de celular foi um grande auxílio, não era possível enxergar mais do que 10 metros à frente.

A primeira pessoa encontrada foi o Fábio (um dos moradores do sítio) que nos auxiliou no caminho até a casa principal do mesmo em que os visitantes dormiam e eram

⁵ O dia em que o trabalho no sítio, sem contar os trabalhos que envolviam a feira, era feito. Portanto era o primeiro dia da semana em que o foco era o trabalho na terra, incluindo o plantio, colheita e capinagem.

preparadas as refeições e onde, também, havia um encontro das pessoas principalmente nos horários das refeições.

Aproximadamente uma hora depois da chegada à casa, houve uma surpresa desagradável com a chegada do dono e a descoberta de que aquela era a casa errada. Portanto, houve uma realocação para o local certo. Lá foi o término de uma noite que fazia temperatura menos do que 5°C e o começo da experiência.

4.2 O sítio do Bicho Solto

O sítio do Bicho Solto é uma unidade de produção agroecológica localizado em Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro (SILVA, 2006).

Teresópolis limita-se com os municípios Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Nova Friburgo, Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto e Sumidoro. A área municipal é de aproximadamente 771 km² (SILVA, 2006).

Localizada a uma altitude de 871 m, apresenta um clima ameno – Clima Tropical de Altitude – com a temperatura média anual de 17°C. Esta média sofre variações segundo a estação anual e a incidência do sol. No inverno, por exemplo, ela alcança 12°C, enquanto no verão é de 25°C.

Manuel é o dono da propriedade que tem aproximadamente 33 hectares. Ele é formado em agronomia, e frustrado com o desenvolvimento urbano por volta de 1980 decidiu comprar o terreno em que hoje se encontra o sítio.

Antes de ter uma produção agroecológica, naquele espaço moravam três famílias de trabalhadores contratados para plantarem alimentos de forma orgânica. Seu objetivo era vender aqueles alimentos.

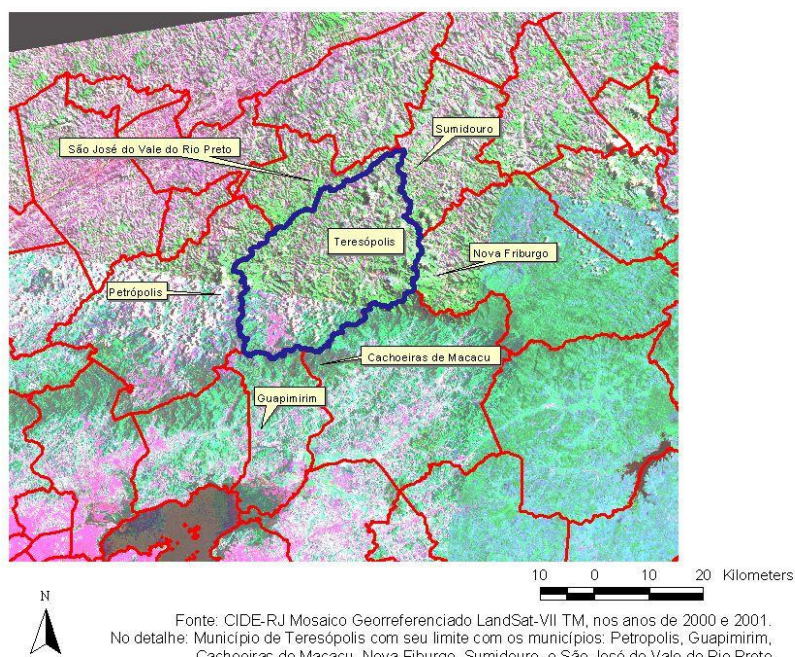
Insatisfeito com a forma que aquilo funcionava e o ritmo forte de trabalho, em 1994 ele decidiu retransformar as formas de produção. Portanto ele converteu a sua produção para um plantio mais agroecológico. As famílias contratadas foram embora e passou a dividir aquele espaço somente os familiares do Manuel.

Localização da Área de Estudo



Figura 7: Municípios do Estado do Rio de Janeiro com Teresópolis destacado

Fonte: SILVA, 2006.



Fonte: CIDE-RJ Mosaico Georreferenciado LandSat-VII TM, nos anos de 2000 e 2001.
No detalhe: Município de Teresópolis com seu limite com os municípios: Petrópolis, Guapimirim, Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto.

Figura 8: Teresópolis e municípios vizinhos

Fonte: SILVA, 2006.

4.3. O trabalho no sítio

Segunda-feira pela manhã ainda fazia muito frio e foi o primeiro encontro com os residentes do local. O café da manhã proporcionou a primeira reunião da semana. Houve uma conversa sobre a rotina do sítio e sobre a minha participação e a do Thiago (co-orientador) nessa rotina. A confusão de casas de domingo a noite foi a grande piada daquele momento.

O Manuel foi quem conduziu a conversa, sua intenção era me ajudar com os objetivos da minha monografia, em compreender de forma prática o funcionamento de uma propriedade que se dedica em seguir os princípios da agroecologia e faz todos os processos necessários sem a utilização de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos.



Figura 9: Preparo do café da manhã (André à esquerda de boné; Thiago à direita de suéter; e Manuel à frente mexendo no fogão a lenha da cozinha), no sítio do Bicho Solto, Teresópolis.

Fonte: Próprio autor.

Segundo ele, havia um contraste muito grande naquela própria região, já que todas as propriedades que faziam fronteira com o sítio utilizavam agrotóxicos. Não era preciso muito esforço para perceber o quanto esse uso era frequente. Em todos os dias que pude

olhar para alguma das propriedades vizinhas, via algum trabalhador com roupas de proteção aplicando nas colheitas algum produto com o auxílio de borrifadores.

As práticas não orgânicas dos vizinhos de certa forma eram potencialmente prejudiciais para o sítio, sua produção não ficaria totalmente isenta dos resíduos dos químicos devido à contaminação que vinha tanto pelo ar quanto por um riacho que corre por dentro do sítio.

Após a breve conversa e o café da manhã o trabalho começou. Fábio e Manuel fizeram uma brincadeira, falando que quando algum visitante chega ao sítio ele ganha uma cama, um travesseiro e uma enxada para começar o trabalho. Essa frase resumiu o que foi a vivência: uma semana de trabalho árduo.

A primeira atividade foi a elaboração de vasos de papel de jornal velho para gerar mudas com as sementes que estavam estocadas no barracão de ferramentas. Havia uma técnica artesanal que utilizava um copo para dar o formato do vaso de papel.

Depois de algumas horas de preparo e centenas de vasinhos feitos, o almoço estava ficando pronto e o fogão já estava fazendo muita fumaça. O almoço tinha uma variedade muito grande de verduras e legumes. Da parte que consegui lembrar, havia: arroz, feijão marrom, batata yacom, batata doce, farofa, cenoura, inhame, couve, amendoim torrado, banana e tangerina. De primeira vista, dava para perceber o quão extenso era o cardápio em questão da variedade vegetal, quando comparado com a cidade. A grande maioria daqueles alimentos era plantada ali mesmo, o arroz era o único item que era comprado no mercado.

O almoço também serviu como hora de encontro e conversa. Por meio de gritos, todos os trabalhadores do sítio eram convocados para comer. Aproximadamente almoçávamos 6 pessoas por dia. Havia uma conversa sobre os assuntos relevantes à rotina do sítio. Além disso, a conversa também girava sobre os novos visitantes.

Depois da pausa do almoço o trabalho voltou. A tarefa, agora, era regar a horta que ficava do lado da casa dos hóspedes. Havia uma mangueira cumprida que puxava a água do riacho que cortava o sítio. Após essa tarefa, voltei a fazer os vasos de papel junto com Thiago, Fábio e Manuel. Quando começou a escurecer e ficar frio, o trabalho terminou e todos voltaram para o interior da casa de hóspedes para jantar e conversar.



Figura 10: Horta da direita

Fonte: Próprio autor

Aquela casa tinha a função de abrigar quem não mora no sítio à noite, porém de dia funcionava como uma casa central. Era lá o ponto de reunião de todos, principalmente no horário das refeições.

Minhas maiores impressões daquele dia foram que o trabalho é cansativo e o tempo não é mecânico, as atividades não são determinadas pela hora do dia. Os ciclos naturais como dia e noite e a fome de cada um era quando determinava a hora para o começo e fim do trabalho e as pausas para a refeição.

O dia cansativo terminava com uma noite fria e com expectativas para o dia seguinte. A impossibilidade de acessar a internet e a falta de sinal de celular já começava a fazer falta naquele momento.

O terceiro dia foi o mais divertido para mim, além de terminar os vasos de papel, plantei sementes de abóbora nesses vasos e logo após fui junto com Thiago e Fábio para a parte de floresta do sítio para conseguir lenha que servia como combustível para o fogão.

Fábio é o único que realiza essa atividade. Como visitas, fomos para conhecer e auxiliá-lo nesse trabalho que durou aproximadamente duas horas para cortar e carregar a lenha de volta para a casa principal. Já com a madeira armazenada, a tarefa foi cortá-las para que pudessem ser queimadas no fogão.



Figuras 11 e 12: Corta da lenha

Fonte: Próprio autor

Durante as atividades, havia pequenas pausas para lanches com frutas que ficavam na cozinha. A banana e tangerina eram as frutas mais abundantes, havia também amendoim torrado e tudo isso era plantado ali mesmo no sítio.

Após a corta da lenha, Manuel me chamou e chamou o Thiago para ajudá-lo na capina do mato que crescia junto com a plantação. Ele disse que aquelas plantas espontâneas nasciam ali, mas não nasciam nas plantações vizinhas que usavam agrotóxicos. Já escurecia o dia e novamente todos se reuniram na casa principal. Nesse dia, a janta contou com uma animada cantoria com viola e sanfona.

Na quarta-feira, subi logo de manhã com André, para acompanhar seu trabalho, num morro dentro do sítio. Como lá é uma região de vale, existe uma parte de mata atlântica preservada onde é extraída madeira para o fogão e onde também existe uma fonte natural de água potável que é parcialmente canalizada para a casa principal.

André é o único trabalhador assalariado de lá, ele foi contratado por um período de tempo para fazer uma capina contra incêndios nos arredores do sítio. Com isso, se houver fogo nos arredores, haverá uma barreira desmatada de três metros que impedirá o fogo de se alastrar.

Depois de uma subida de aproximadamente meia hora, chegamos perto do topo. De lá foi possível ter uma noção topográfica do terreno e também ver as propriedades vizinhas. De lá, consegui observar a estrada em que o segundo ônibus nos deixou.



Figura 13: Parte alta do sítio

Fonte: Próprio autor

Quando chegou em torno do meio dia, desci para almoçar. Após o almoço, fiz a colheita do café com Fábio, Manuel, Pedro e Guilherme (menino de 5 anos, filho de Pedro). A colheita foi boa e o café foi todo levado para a calçada da casa principal.



Figura 14: Colheita de café

Fonte: Próprio autor

Quando o café já estava colhido, saí com o Manuel para checar a condição das colméias de abelha e visto que tudo estava certo fomos capinar e regar a plantação que se encontrava na parte mais próxima da estrada.

A rotina da noite se manteve naquele dia e a quinta-feira teve um ritmo de trabalho mais leve. Reguei com a mangueira a plantação a horta da direita e enquanto eu regava tudo, Manuel, Fábio, Guilherme e Pedro faziam a colheita do inhame.

Nesse dia pude experimentar o feijão-batata (uma leguminosa que parece uma batata e por dentro da casca é branca, tem gosto doce e consistência não muito mole, se assemelhando à parte de perto da casca do melão), era sem dúvida o vegetal mais diferente que eu já tinha visto ou comido.

Esse foi o dia que mais tive tempo livre para anotar as minhas impressões e também descansar um pouco na rede.

Sexta-feira, o último dia no sítio, foi marcado pela organização de tudo que tinha sido colhido naquela semana para ser vendido na feira. Lavei os inhames que tinham sido colhidos no dia anterior e ajudei a organizar o resto da colheita para a feira.

Pouco antes de começar a escurecer, André estava voltando para a cidade. Ele só passava os dias de semana no sítio para fazer seu trabalho.

Após o cair do sol, fui junto com Manuel, Pedro e Guilherme na caminhonete que levava a colheita para a feira. Isso marcou o fim da minha estadia no Sítio do Bicho Solto.

Sábado, como de costume, ocorreu a Feira Agroecológica de Teresópolis. Como era o último sábado do mês, houve a oficina de alimentação viva, em que participei principalmente descascando amendoim.

Após o almoço, peguei, na rodoviária, o ônibus que descia a serra de Teresópolis e me trazia de volta ao Rio de Janeiro. Estava de volta a um clima quente e no meio da confusão de uma cidade grande e movimentada. Foi sem dúvida um grande choque voltar para uma forma de vida diferente, já que por pouco tempo me isolei totalmente.

4.4. Impressões sobre a vivência

O que durou em tempo cronológico apenas uma semana, marcou um choque radical de troca de forma de vida. Tanto na ida quanto na volta, essa mudança gerou um grande impacto.

No Sítio do Bicho Solto havia uma priorização com a preservação da natureza do entorno e também uma grande preocupação nas formas agroecológicas de produção.

A forma de viver lá é um pouco distante das tecnologias modernas, principalmente as máquinas. Lá pude observar a presença de telefone fixo, a caminhonete

do Manuel que era usada para o transporte dos alimentos e para ir até a parte do centro de Teresópolis. No sítio não pega sinal de celular, nem internet.

Toda a colheita e trabalhos na terra eram manuais, com trabalho humano. O contato físico com a terra era valorizado de forma quase mística. Pedro em certa hora disse que aquele trabalho com o contato com a terra era uma forma de lazer, portanto, não existia uma separação muito visível entre diversão e trabalho.

Em 2010, devido a queimadas propositalis com o fim de desmatar e gerar pasto para gado de corte, o fogo se alastrou até a parte de floresta do sítio, gerando uma grande perda na mata que ali se encontrava. Na semana em que passei lá, notei que a mata tinha crescido parcialmente e ainda era possível observar os estragos do fogo.

Aquela área de mata tinha uma grande finalidade, ela era responsável pela lenha que ajudava a manter o consumo de energia de forma mais afastada possível dos combustíveis não renováveis. Além disso, o bem-estar ecológico é fundamental no processo agroecológico, aquela região que representava aproximadamente 70% da área total da propriedade, mantinha a fauna e flora da mata atlântica de forma preservada. Tive uma sensação de união e harmonia com a natureza.

As próprias técnicas de cultivo pretendiam manter um equilíbrio ecológico. As formigas às vezes comiam mudas e outras plantações dali e Manuel me disse que até agora não havia encontrado uma forma eficiente e ecologicamente correta de fazer um controle daqueles insetos.

Lá era possível ver o grande contraste com a agricultura convencional devido às plantações ao lado. Havia tratores e era possível ouvir diariamente um motor que puxava a água do rio para irrigação.

As técnicas de plantio no sítio, apesar da proximidade, eram visualmente diferentes. As propriedades vizinhas tinham uma grande área desmatada, não havia nem mato nas proximidades das plantações. No único sítio vizinho que pude observar por completo, quando subi no morro ao lado do sítio, percebi que a totalidade de sua área era usada para o plantio.

A função do trabalho no Bicho Solto era voltada, em primeiro plano, para a alimentação própria, a venda para os compradores na feira do domingo e para a disseminação do saber e da forma de vida deles. Esse último item é parte fundamental do Sítio do Bicho Solto que recebe visitantes, até com certa frequência, para que possam conviver e ter uma experiência que é totalmente diferente da agricultura hegemônica de hoje.

O fato daquela produção não ter um foco exclusivamente de lucro para o mercado, os diferencia totalmente de produções do agronegócio. Pela ausência de uma necessidade de produção máxima para cumprir as necessidades do mercado, percebi que há uma grande autonomia no manejo do que plantar e da forma de plantar.

A agricultura familiar era a base do trabalho de lá, havia uma hierarquia e uma divisão no trabalho, porém não havia um esquema de exploração patronal. O trabalho era dividido, cabia ao Manuel fazer o trabalho de coordenação: ele escolhia o que plantar e basicamente controlava as questões mais decisivas do sítio; nas demais pessoas, eu percebi que cada um havia escolhido em se focar um pouco mais na atividade que mais gostava, portanto, eles tinham certa autonomia para decidir sua forma de trabalho.

Essa família ganhou uma nova geração com Guilherme, menino que na época tinha apenas 5 anos e mesmo sendo novo, conhecia tudo que era plantado ali e gostava de mexer com a terra e de ajudar o pai dele, Pedro, em seu trabalho. Guilherme significou para mim a perpetuação e renovação daquela família naquele lugar.

O conhecimento usado para a colheita se baseava nos ciclos e nas épocas naturais de colheita. Diversos alimentos que eles consumiam não estavam disponíveis quando eu fui lá porque eles não eram da época. Quando fui na feira após a estadia no sítio, havia a venda um calendário dos ciclos astrológicos para auxiliar os agricultores com as melhores épocas de plantio e colheita. Portanto, havia um conhecimento científico e verdadeiro que é diferenciado das práticas convencionais de agricultura.

A rede de cooperação que havia entre os agricultores da Associação Agroecológica de Teresópolis também foi um destaque para mim. Eles conseguiam manter uma rede de ajuda e cooperação de uma forma muito eficiente e democrática.

Quando fui pela primeira vez na feira, a votação sobre o destino de um fundo que eles haviam recebido me chamou atenção porque todos ali puderam ter uma opinião sobre aquele assunto. Pelo fórum da associação pude observar um mutirão na propriedade de um associado para ajudá-lo a reconstruir a sua plantação que havia sido devastada por um deslizamento de terra.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio e a agroecologia, são formas de produção agrícola totalmente diferenciadas. Os objetivos e formas de manejo com o plantio são praticamente opostos e há uma hegemonia das técnicas agrícolas baseadas no pacote tecnológico da Revolução Verde.

O agronegócio se mostrou para mim como uma das formas mais eficientes da extração do lucro utilizando-se a terra. Portanto, a agroecologia se situa num campo diferente, já que o lucro com o plantio não é posto em primeiro plano.

Foi necessário definir o agronegócio, uma forma que é combatida por defensores da agroecologia, para mostrar um contraste dessa forma de produzir para uma agricultura sustentável e ecológica.

A agroecologia, portanto, se mostra como um sistema novo e promissor. Com ela, inúmeros problemas resultantes das formas convencionais de agricultura poderiam ser solucionados.

Tendo noção da parte teórica e dos conceitos básicos da agroecologia, fui a uma vivência no Sítio do Bicho Solto com o objetivo de captar a parte prática do conhecimento, aquele que somente a leitura, uma foto ou um vídeo não pode proporcionar.

Foi interessante observar algumas características teóricas da agroecologia em texto e após isso, ter a vivência para refletir a teoria.

Pela essência adaptativa da agroecologia, a plantação do Manuel que é agroecológica é diferenciada de outras plantações agroecológicas em outros locais. As técnicas usadas para o plantio são particulares para aquele clima e para aquela região.

O manejo ecológico era sempre colocado em primeiro foco. O apelo à preservação do meio ambiente era tão grande e de certa forma chegava a ser feita de forma mística que a terra era frequentemente referida de forma similar a um ser humano. O respeito das formas naturais era sempre muito grande e exposto.

Aquela forma de agricultura que era realizada no sítio, apesar de ser ecológica, tinha grandes diferenças com outras formas também classificadas como ecológicas.

A agricultura orgânica é a que identifiquei como a mais popular dessas formas de agricultura. A produção do Sítio do Bicho Solto apesar de já ter sido puramente orgânica, passou por uma transição agroecológica, mudou as formas de trabalho, técnicas agrícolas e relação com o meio ambiente.

Lá a produção sempre priorizou o meio ambiente, porém, quando funcionava uma produção puramente orgânica, as relações sociais certamente não eram harmônicas. A produção orgânica era feita num ritmo acelerado para que a produção fosse maior e conseqüentemente o lucro. A contratação era assalariada e estabelecia uma relação patronal e as bases familiares de agricultura não estavam tão presentes. Quando esses trabalhadores saíram do sítio, na transição para a agroecologia, houve uma relação mais justa entre o trabalho, já que as pessoas que ficaram eram os familiares do Manuel e teriam toda a renda obtida revertida para os próprios de forma igual. A produção tinha como objetivo gerar uma produção suficiente para uma alimentação de subsistência e conseqüentemente o ritmo ficou mais ameno.

A venda da produção passou a ser feita com o excesso, diferentemente de produções orgânicas que visam o mercado, a produção não era feita com o objetivo de lucrar. Havia um foco na produção de subsistência, com uma grande variedade de vegetais plantados para atender as demandas nutricionais daquela família.

A venda desses produtos era organizada para minimizar os custos para os compradores. A Feira Agroecológica de Teresópolis foi criada com um dos objetivos de evitar intermediários que comprem os alimentos dos produtores e vendem para população com um custo mais elevado. Isso demonstra uma consciência local e uma organização em grupo para vencer as dificuldades de inserção do pequeno produtor no mercado de uma sociedade capitalista.

Interpretando a agroecologia como uma ciência que não cria um molde universal, a organização e o debate entre os agricultores na Associação Agroecológica de Teresópolis é fundamental para uma reflexão e desenvolvimento do saber multidisciplinar e aprimoramento dos saberes já adquiridos por eles.

A visita na feira de Teresópolis e a vivência no Sítio do Bicho Solto foram parte fundamental desse estudo. A organização da escrita da parte teórica encontrada nos dois primeiros capítulos foi somente possível de ser realizada, da forma feita, devido às noções práticas adquiridas por mim no mês de Julho. Portanto, o entendimento da parte escrita também foi deixado mais claro para mim, após ter vivenciado e trabalhado duro no Sítio do Bicho Solto.

O período de uma semana no sítio mostrou para mim, uma pessoa tão acostumada com a vida urbana que apesar da distância relativamente curta de onde eu vivo para o sítio, a forma de viver nos dois locais é totalmente diferente.

Isso provou para mim que não é tão difícil nem tão absurdo, viver de uma forma confortável, sem a ganância e sem os objetivos puramente materiais que estão presentes na vida da maioria das pessoas da cidade e ao mesmo tempo ter um contato e harmonia com a natureza.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Ministério do Desenvolvimento Agrário. Agricultura Familiar no Brasil e Censo Agropecuário 2006.** Brasília, 2009.
- BRASIL, Presidência da República. Lei nº 11.346, de 15 de set. De 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 set. 2006.
- BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. CONSEA. **Lei de Segurança Alimentar e Nutricional. Conceitos. Lei 11.346, de 15 de setembro de 2006a.**
- BUIANIN, Antônio Márcio. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: Questões Para e Debate.** Campinas, 2005.
- FAO, Organização de agricultura e alimentos das Nações Unidas. **O estados de Insegurança Alimentar no Mundo.** Roma, 2009.
- GONÇALVES, Sergio. **Para Além do Agronegócio – A “Agroecologia” e a Reconstrução do atual Sistema Agrícola e Alimentar.** In JUNIOR, Luzimar Barreto França; JÚNIOR, Antonio Thomaz. **GEOGRAFIA E TRABALHO NO SÉCULO XXI.** 4. ed. Presidente Prudente, 2009.
- GUBUR, Dominique; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo.** 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.57-65.
- JÚNIA, Raquel. **Lançada campanha nacional permanente contra o uso de agrotóxicos.** In: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fiocruz. Disponível em: <<http://www.epsvj.fiocruz.br/index.php?Area=Noticia&Num=502>> Acessado em 24/10/2012.
- LEITE, Sérgio Pereira; MEDEIROS, Leonilde Servolo. Agronegócio. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo.** 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.81-87.
- MONTEIRO, Denis. Agroecossistemas. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo.** 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.65-71.
- NEVES, Delma Pessanha. Agricultura Familiar. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo.** 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.32-38.

- PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Revolução Verde. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo**. 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.685-689.
- PETERSEN, Paulo. Agriculturas Alternativas. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo**. 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.40-46.
- RIGOTTO, Raquel Maria; Rosa, Islene Ferreira. Agrotóxicos. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo**. 1 .ed Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.86-94.
- SILVA, Elisabete Azevedo. **Diagnóstico do Município de Teresópolis (RJ) na perspectiva do Barômetro da Sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Análise Ambiental e Gestão do Território. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE). Rio de Janeiro: Mimeo, 2006. 79.

ANEXO 1

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA COMPREENDER O LUGAR

1) Qual a história do sítio Bicho Solto?

1.1) Quantos anos tem o sítio?

1.2) Qual o tamanho do sítio?

1.3) Quantas pessoas vivem no sítio?

1.3.1) quantos homens e mulheres, idade de cada um, grau de parentesco entre eles

1.4) O que se produz no sítio? Qual o destino (o que é para o próprio consumo e para venda na feira)? O que vem de fora?

2) História de vida do Manuel – pedir para o Manuel contar sua trajetória na agricultura e agroecologia, passando pela história do sítio Bicho Solto, da criação da Associação Agroecológica de Teresópolis.

3) Perguntar para o Manuel e demais moradores do sitio Bicho Solto:

- o que é alimento?

- o que é agroecologia?

- quais as diferenças da agroecologia para o modelo de agricultura convencional (do agronegócio)?

- em sua opinião “o modelo de produção da agroecologia pode substituir o modelo do agronegócio na produção de alimentos para toda a humanidade?”

4) perguntar para o Manuel e demais moradores do sitio Bicho Solto:

- como eles veem as vantagens e desafios da agroecologia?

- como eles veem os avanços e desafios do sitio Bicho Solto?

5) qual a relação entre a promoção da agroecologia e o programa de voluntariado que participa o sitio Bicho Solto?

OBSERVAÇÃO 1: aproveitar momentos de alimentação coletiva, de bate papo, inclusive no realizar das atividades diárias, para fazer essas perguntas no sentido de evitar “o momento de entrevista”.

OBSERVAÇÃO 2: deve-se registrar o máximo possível de informações em um “caderno de campo”. Para cada registro escrever local e dia, além de quem participou do diálogo e informante. Ex: “conversa com Manuel no café da manhã, 28/07”.

ANEXO 2**PERGUNTAS PARA O DIA DA FEIRA**

1) Perguntar para os agricultores que participam da Feira:

1.1) em sua opinião “o modelo de produção da agroecologia pode substituir o modelo do agronegócio na produção de alimentos para toda a humanidade?”

1.2) qual a importância da Feira para a promoção da agroecologia?

2) Perguntar para alguns clientes da Feira:

1.1) qual a importância desta Feira para você?

ANEXO 3:**DIÁRIO DE CAMPO – CADERNO DE REFLEXÕES DIÁRIO**

(separar 20 min antes de dormir para esta atividade)

Registrar tudo o que fez durante o dia, o que pensou em cada momento, o que sentiu, quais avaliações vai tendo desta experiência, aprendizados, dúvidas, inquietações.

FOTOGRAFIA

Use da sua experiência do Trabalho de Campo do Curso Técnico de Vigilância em Saúde da EPSJV para registrar a experiência, incluindo fotografias.

ANEXO 4:



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.346, DE 15 DE SETEMBRO DE 2006.

Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Esta Lei estabelece as definições, princípios, diretrizes, objetivos e composição do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, por meio do qual o poder público, com a participação da sociedade civil organizada, formulará e implementará políticas, planos, programas e ações com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada.

Art. 2º A alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.

§ 1º A adoção dessas políticas e ações deverá levar em conta as dimensões ambientais, culturais, econômicas, regionais e sociais.

§ 2º É dever do poder público respeitar, proteger, promover, prover, informar, monitorar, fiscalizar e avaliar a realização do direito humano à alimentação adequada, bem como garantir os mecanismos para sua exigibilidade.

Art. 3º A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Art. 4º A segurança alimentar e nutricional abrange:

I – a ampliação das condições de acesso aos alimentos por meio da produção, em especial da agricultura tradicional e familiar, do processamento, da industrialização, da comercialização, incluindo-se os acordos internacionais, do abastecimento e da distribuição dos alimentos, incluindo-se a água, bem como da geração de emprego e da redistribuição da renda;

II – a conservação da biodiversidade e a utilização sustentável dos recursos;

III – a promoção da saúde, da nutrição e da alimentação da população, incluindo-se grupos populacionais específicos e populações em situação de vulnerabilidade social;

IV – a garantia da qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis que respeitem a diversidade étnica e racial e cultural da população;

V – a produção de conhecimento e o acesso à informação; e

VI – a implementação de políticas públicas e estratégias sustentáveis e participativas de produção, comercialização e consumo de alimentos, respeitando-se as múltiplas características culturais do País.

Art. 5º A consecução do direito humano à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional requer o respeito à soberania, que confere aos países a primazia de suas decisões sobre a produção e o consumo de alimentos.

Art. 6º O Estado brasileiro deve empenhar-se na promoção de cooperação técnica com países estrangeiros, contribuindo assim para a realização do direito humano à alimentação adequada no plano internacional.

CAPÍTULO II DO SISTEMA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Art. 7º A consecução do direito humano à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional da população far-se-á por meio do SISAN, integrado por um conjunto de órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e pelas instituições privadas, com ou sem fins lucrativos, afetas à segurança alimentar e nutricional e que manifestem interesse em integrar o Sistema, respeitada a legislação aplicável.

§ 1º A participação no SISAN de que trata este artigo deverá obedecer aos princípios e diretrizes do Sistema e será definida a partir de critérios estabelecidos pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSEA e pela Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional, a ser criada em ato do Poder Executivo Federal.

§ 2º Os órgãos responsáveis pela definição dos critérios de que trata o § 1º deste artigo poderão estabelecer requisitos distintos e específicos para os setores público e privado.

§ 3º Os órgãos e entidades públicos ou privados que integram o SISAN o farão em caráter interdependente, assegurada a autonomia dos seus processos decisórios.

§ 4º O dever do poder público não exclui a responsabilidade das entidades da sociedade civil integrantes do SISAN.

Art. 8º O SISAN reger-se-á pelos seguintes princípios:

I – universalidade e equidade no acesso à alimentação adequada, sem qualquer espécie de discriminação;

II – preservação da autonomia e respeito à dignidade das pessoas;

III – participação social na formulação, execução, acompanhamento, monitoramento e controle das políticas e dos planos de segurança alimentar e nutricional em todas as esferas de governo; e

IV – transparência dos programas, das ações e dos recursos públicos e privados e dos critérios para sua concessão.

Art. 9º O SISAN tem como base as seguintes diretrizes:

I – promoção da intersetorialidade das políticas, programas e ações governamentais e não-governamentais;

II – descentralização das ações e articulação, em regime de colaboração, entre as esferas de governo;

III – monitoramento da situação alimentar e nutricional, visando a subsidiar o ciclo de gestão das políticas para a área nas diferentes esferas de governo;

IV – conjugação de medidas diretas e imediatas de garantia de acesso à alimentação adequada, com ações que ampliem a capacidade de subsistência autônoma da população;

V – articulação entre orçamento e gestão; e

VI – estímulo ao desenvolvimento de pesquisas e à capacitação de recursos humanos.

Art. 10. O SISAN tem por objetivos formular e implementar políticas e planos de segurança alimentar e nutricional, estimular a integração dos esforços entre governo e sociedade civil, bem como promover o acompanhamento, o monitoramento e a avaliação da segurança alimentar e nutricional do País.

Art. 11. Integram o SISAN:

I – a Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, instância responsável pela indicação ao CONSEA das diretrizes e prioridades da Política e do Plano Nacional de Segurança Alimentar, bem como pela avaliação do SISAN;

II – o CONSEA, órgão de assessoramento imediato ao Presidente da República, responsável pelas seguintes atribuições:

a) convocar a Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, com periodicidade não superior a 4 (quatro) anos, bem como definir seus parâmetros de composição, organização e funcionamento, por meio de regulamento próprio;

b) propor ao Poder Executivo Federal, considerando as deliberações da Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, as diretrizes e prioridades da Política e do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, incluindo-se requisitos orçamentários para sua consecução;

c) articular, acompanhar e monitorar, em regime de colaboração com os demais integrantes do Sistema, a implementação e a convergência de ações inerentes à Política e ao Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional;

d) definir, em regime de colaboração com a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional, os critérios e procedimentos de adesão ao SISAN;

e) instituir mecanismos permanentes de articulação com órgãos e entidades congêneres de segurança alimentar e nutricional nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios, com a finalidade de promover o diálogo e a convergência das ações que integram o SISAN;

f) mobilizar e apoiar entidades da sociedade civil na discussão e na implementação de ações públicas de segurança alimentar e nutricional;

III – a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional, integrada por Ministros de Estado e Secretários Especiais responsáveis pelas pastas afetas à consecução da segurança alimentar e nutricional, com as seguintes atribuições, dentre outras:

a) elaborar, a partir das diretrizes emanadas do CONSEA, a Política e o Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, indicando diretrizes, metas, fontes de recursos e instrumentos de acompanhamento, monitoramento e avaliação de sua implementação;

b) coordenar a execução da Política e do Plano;

c) articular as políticas e planos de suas congêneres estaduais e do Distrito Federal;

IV – os órgãos e entidades de segurança alimentar e nutricional da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; e

V – as instituições privadas, com ou sem fins lucrativos, que manifestem interesse na adesão e que respeitem os critérios, princípios e diretrizes do SISAN.

§ 1º A Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional será precedida de conferências estaduais, distrital e municipais, que deverão ser convocadas e organizadas pelos órgãos e entidades congêneres nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios, nas quais serão escolhidos os delegados à Conferência Nacional.

§ 2º O CONSEA será composto a partir dos seguintes critérios:

I – 1/3 (um terço) de representantes governamentais constituído pelos Ministros de Estado e Secretários Especiais responsáveis pelas pastas afetas à consecução da segurança alimentar e nutricional;

II – 2/3 (dois terços) de representantes da sociedade civil escolhidos a partir de critérios de indicação aprovados na Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; e

III – observadores, incluindo-se representantes dos conselhos de âmbito federal afins, de organismos internacionais e do Ministério Público Federal.

§ 3º O CONSEA será presidido por um de seus integrantes, representante da sociedade civil, indicado pelo plenário do colegiado, na forma do regulamento, e designado pelo Presidente da República.

§ 4º A atuação dos conselheiros, efetivos e suplentes, no CONSEA, será considerada serviço de relevante interesse público e não remunerada.

CAPÍTULO III DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 12. Ficam mantidas as atuais designações dos membros do CONSEA com seus respectivos mandatos.

Parágrafo único. O CONSEA deverá, no prazo do mandato de seus atuais membros, definir a realização da próxima Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a composição dos delegados, bem como os procedimentos para sua indicação, conforme o disposto no § 2º do art. 11 desta Lei.

Art. 13. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de setembro de 2006; 185º da Independência e 118º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Patrus Ananias Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 18.9.2006.